

# FESTAS ESCOLARES: AS FESTAS DA ÁRVORE NO BARREIRO\*

---

*Maria Manuela P. F. Rodrigues*

## **Resumo**

O presente texto refere-se, em particular, a uma festividade escolar denominada *Festa da Árvore*, que teve o seu apogeu nos primeiros anos da 1.ª República Portuguesa, e que era festejada nas escolas primárias. A análise do nosso estudo restringiu-se à área geográfica do Barreiro, localidade situada na margem sul do rio Tejo em frente de Lisboa.

**Palavras-chave:** Festas; festa da árvore; 1.ª República; cultura escolar.

## SCHOOL FEASTS: THE FEAST OF THE TREE AT BARREIRO

### **Abstract**

This paper intends to describe and analyse the importance of a school feast named *Festa da Árvore* (Feast of the Tree) that used to be celebrated in primary schools particularly during the Portuguese First Republic. In the present study the analysis was restricted to the geographical area of Barreiro, a city located in front of Lisbon, on the south border of River Tagus.

**Keywords:** Feasts; Feast of the Tree; First Republic; school culture.

## FIESTAS ESCOLARES: LAS FIESTAS DEL ÁRBOL EN BARREIRO

### **Resumen**

El presente texto se refiere, particularmente, a una festividad escolar denominada *Fiesta del Árbol*, que tuvo su apogeo durante los primeros años de la Primera República portuguesa y era festejada en las escuelas primarias. El análisis de nuestro estudio se restringió al área

---

\* Versão modificada do trabalho apresentado em mesa-coordenada sob a direção do Prof. Dr. Décio Gatti Júnior, da Universidade Federal de Uberlândia, intitulada “Currículos, práticas e cotidiano escolar na formação educacional, moral e cívica de cidadãos no espaço luso-brasileiro”, no VII Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, realizado no período de 20 a 23 de junho de 2008, na cidade do Porto, em Portugal.

geográfica de Barreiro, localidade situada en la margen sur del rio Tejo, enfrente de Lisboa.

**Palabras clave:** Fiestas, fiesta del árbol, Primera República, cultura escolar.

### DES FÊTES SCOLAIRES: LES FÊTES DE L'ARBRE AU BARREIRO

Ce texte-ci rapporte, particulièrement, à une festivité scolaire dénommée "Fête de l'arbre", qui a eu son apogée dans les premières années de la 1<sup>ère</sup> République Portugaise et qui était fête dans les écoles primaires. L'analyse de notre étude s'est limitée à la surface géographique Du Barreiro, localité située à la rive sud du Tejo, en face de Lisbonne.

**Mots-clés:** Fêtes; fête de l'arbre; 1<sup>ère</sup> République; culture scolaire.

As festas contribuem para a constituição de um modo de construir e difundir referências e símbolos nacionais, integrando a memória colectiva nacional. Em momentos de tensão e ruptura históricas, as festas são organizadas para criar consensos e unir o povo a um ideal, conquistando a adesão do mesmo para novas propostas políticas e consolidando uma nova ordem social. De acordo com a reflexão de Paul Connerton, se a memória social existe, é possível encontrá-la nas cerimónias comemorativas, uma vez que elas são “performativas”; aliada à performatividade está o conceito de hábito, que por sua vez não se pode dissociar da noção de “automatismos corporais”, existindo, portanto, uma inércia nas estruturas sociais<sup>1</sup>. Para este sociólogo,

Tanto as cerimónias comemorativas como as práticas corporais, contêm, portanto, um certo grau de segurança contra o processo de questionamento cumulativo que todas as práticas discursivas acarretam. Esta é a fonte da sua importância e persistência como sistemas mnemónicos. Todos os grupos confiam, por isso, aos automatismos corporais, os valores e as categorias que querem à viva força conservar. Eles saberão como o passado pode ser bem conservado na memória por uma memória habitual sedimentada no corpo.<sup>2</sup>

Partindo do princípio de que o Estado, através dos programas de ensino para as instituições escolares, veiculava a memória histórica que lhe interessava, a organização das festas escolares e do culto cívico no interior da escola deve ser analisado como um processo que é concebido para ter efeito sobre as pessoas, produzindo a selecção e legitimação de certas ideias. Neste sentido, é pertinente citar uma frase de Borges Grainha, quando diz que “As festas trazem consigo esse cunho estético de

---

<sup>1</sup> Paul Connerton, *Como as Sociedades Recordam*, Oeiras: Celta Editora, 1993(1989).

<sup>2</sup> *Ibidem*, p. 124.

que se têm servido todas as religiões e todos os governantes para atraiem o povo às suas ideias”<sup>3</sup>.

## A Festa da Árvore

A realização de festas com um carácter cívico teve a sua fonte propagadora na Revolução Francesa. As festas revolucionárias tinham uma vocação pedagógica: elas complementavam a educação escolar e asseguravam a formação contínua do cidadão, baseada na educabilidade natural do homem. O poder formativo das imagens assumiu papel preponderante no discurso pedagógico revolucionário. Segundo Roger Chartier,

La fête de la Révolution est en effet créatrice, non pas parce qu'elle a été capable de lui survivre, mais parce qu'elle a été un instrument majeur de la sacralisation des valeurs nouvelles. Plus que les discours, mieux que les discours, elle a incarné, partant socialisé, un système de valeurs neuf, centré sur la famille, la patrie et l'humanité. De ce point de vue, la fête a été l'agent d'un transfert réussi de sacralité, sans doute parce qu'à travers son langage lourdement symbolique pouvait s'ancrer une pédagogie sensible et persuasive, réitérée et communautaire.<sup>4</sup>

Uma das festas cívicas fomentadas pela Revolução Francesa foi a festa da árvore, que teve larga expressividade no nosso país durante a República, embora nos últimos anos desse período histórico seja bem patente o seu declínio, havendo um retorno gradual das procissões e de outras manifestações públicas

---

<sup>3</sup> Borges Grainha, *O Analfabetismo em Portugal, suas causas e meios de as remover*, Lisboa: Imprensa Nacional, 1908, p. 48.

<sup>4</sup> Roger Chartier, *Lectures et lecteurs dans la France d'Ancien Régime*, Paris: Éditions du Seuil, 1987, p. 39.

do catolicismo<sup>5</sup>. Podemos, contudo, fazer recuar as raízes da Festa da Árvore a manifestações mais longínquas, nomeadamente ao ancestral culto das árvores e das florestas que existiu em várias culturas primitivas ou muito antigas, pois a árvore é um dos temas simbólicos mais ricos e generalizados de todos os tempos e civilizações:

Os homens não se encontram numa relação de verdade com o mito, mas de uso: eles despolitizam segundo as suas necessidades; há objectos míticos deixados em dormência por um certo tempo; não se trata, então, senão de vagos esquemas míticos, cuja carga política parece quase indiferente. Mas é unicamente uma questão de oportunidade de situação, não uma diferença de estrutura.<sup>6</sup>

As árvores ultrapassando os homens em dimensão, em altura e em longevidade, adquirem uma dimensão transcendental e, por isso, foram consideradas, muitas vezes, sagradas e tidas como objecto de culto, estando associadas diferentes simbologias a diferentes espécies de árvores. No entanto, todas as árvores são símbolo da verticalidade ao estabelecerem a ligação entre o mundo subterrâneo (onde residem as raízes), a superfície da terra (através do tronco) e as alturas (onde se estendem os ramos e as folhas); mas também são símbolo da vida, da transformação e da evolução (ciclos anuais, morte e regeneração), da fecundidade e fertilidade, da segurança (pela sua estabilidade) e de protecção (pela sombra que proporcionam).

A árvore é também um local de refúgio sem grades, e isso agradava ao pensamento revolucionário, que tantas vezes estava mergulhado na sombra e na clandestinidade, que encontrava na ramagem da árvore abrigo sem prisão, num espaço aberto e luminoso que os olhos podiam percorrer sem obstáculos.

---

<sup>5</sup> Joaquim Pintassilgo, *República e Formação de Cidadãos. A educação cívica nas escolas primárias da Primeira República Portuguesa*, Lisboa: Edições Colibri, 1998.

<sup>6</sup> Roland Barthes, *Mitologias*, Lisboa: Edições 70, 1997(1957), p. 211.

A árvore fornece a ligação entre objectos sensíveis e pensamento; ela é mediadora, na medida em que, por um lado, é um objecto físico, mas, por outro, guarda uma secreta força elevada à qualidade de símbolo pelo desígnio do povo.

Se, por um lado, as plantações comemorativas com forte carga simbólica tiveram a sua expressão mais marcada e celebrizada em França, como símbolo do novo regime que emergiu com a Revolução Francesa (*Árvores da Liberdade*), fruto do entusiasmo popular e do fervor republicano, em que, “la Révolution, en s’identifiant à l’arbre, y gagne de se pouvoir elle même d’une croissance heureuse et répétitive”<sup>7</sup>, por outro lado, podemos associar a raiz das Festas da Árvore, também, ao *Arbor Day*, cuja comemoração oficial teve lugar pela primeira vez, no estado norte-americano do Nebraska, em 10 de Abril de 1872. Essa iniciativa, que rapidamente alastraria a outros estados americanos (tendo a partir de 1855 sido instituído como feriado estadual) e a outros países, consistia na plantação de árvores e em acções de propaganda sobre os benefícios da arborização, sendo mobilizadas, para o efeito, instituições públicas, organizações agrícolas e particulares. Assim nascia uma forma festiva de fazer a reflorestação de uma nação e o meio de assegurar, ao solo do país, a cultura de melhores espécies.

A implantação da República criou um quadro político favorável às grandes campanhas cívicas e de esclarecimento dos cidadãos, e a Festa da Árvore enquadrava-se nesse espírito. Como diz Mona Ozouf, “l’arbre est un éducateur, le silencieux pédagogue de la communauté”<sup>8</sup>. Deste modo, se explica a grande adesão de vultos republicanos em redor destas iniciativas, e, por outro lado, a reserva e até a hostilidade de outros (conservadores) que viam nestas comemorações uma forma de penetração de novos

---

<sup>7</sup> Mona Ozouf, *La Fête Révolutionnaire 1789-1799*, Paris: Éditions Gallimard, 1976, p. 301.

<sup>8</sup> *Ibidem*, p. 303.

ideais junto de populações, particularmente rurais, onde não havia tradição de implantação. A Festa da Árvore consistia numa sessão solene em que era explicado o significado da festa, com palavras repassadas de muito carinho e amor às árvores (como se se operasse a transformação de um objecto profano, a árvore, em sagrado, sendo o sagrado o retorno da intimidade entre o homem e o mundo, entre o sujeito e o objecto). Recitavam-se versos e cantavam-se canções patrióticas durante a marcha que decorria desde a escola até ao local onde eram plantadas as árvores, que eram tidas como elos de ligação entre o tempo passado e o tempo vindouro: “As árvores trazem-nos à memória o tempo passado e são o penhor do futuro; foram as companheiras de nossos pais e hão-de ser o abrigo de nossos filhos”<sup>9</sup>.

Segundo Fernando Catroga, a análise do culto da árvore e das relações entre a vida e a morte revela a existência de um panteísmo espontâneo, de cariz mecanicista<sup>10</sup>. No acto colectivo de plantação de árvores pelas crianças, no desfile pelas ruas e nas prelecções explicativas do valor das árvores “é lícito ver uma consciente intenção de sagrar paganicamente a natureza”, mas “também é a crença na liberdade do homem e na capacidade perfectibilizadora da sua acção em que nele se expressa”<sup>11</sup>.

Há uma estreita relação entre a festa revolucionária e a ideia de regeneração na medida em que na festa vive-se a utopia de um novo começo, de um novo dia, onde a decadência não tem lugar: “o tempo da festa é, por excelência, o tempo da regeneração social, o tempo da reconciliação dos homens entre si e dos homens com a natureza”<sup>12</sup>. A árvore, símbolo por excelência da renovação

---

<sup>9</sup> António Walgôde, Eusebio de Queirós, *Guia para a Organização e Realização da Festa da Árvore*, Porto: Companhia Portuguesa Editora, 1916, p. 12.

<sup>10</sup> Fernando José de Almeida Catroga, *A Militância Laica e a Descristianização da Morte em Portugal 1805-1911*, Dissertação de Doutoramento em História, Universidade de Coimbra, Volume I, 1988, pp. 604-609.

<sup>11</sup> *Ibidem*, p. 608.

<sup>12</sup> Joaquim Pintassilgo, *ob. cit.*, 1998, p. 179.

do mundo natural, passa a ser agora, também, o símbolo da renovação social: “a sugestão do seu lugar no conjunto da floresta eterna assinala não só a posição do indivíduo em relação à espécie, como o início do seu plantio indicia a possibilidade de regeneração da sociedade”<sup>13</sup>.

Da junção de elementos com raízes no catolicismo, na maçonaria, na tradição popular e na antiguidade clássica resulta o simbolismo da árvore. Como diz Mircea Eliade,

A imagem da Árvore não foi escolhida unicamente para simbolizar o Cosmos, mas também para exprimir a Vida, a juventude, a imortalidade, a sapiência. (...) Por outras palavras, a Árvore conseguiu exprimir tudo o que o homem religioso considera *real e sagrado* por excelência, tudo o que ele sabe que os Deuses possuem pela sua própria natureza, e que só é raramente acessível aos indivíduos privilegiados, os Heróis e os semi-Deuses.<sup>14</sup>

A árvore ligava a terra ao céu e tornava-se o centro em torno do qual a comunidade, em irmandade, se unia. Tal como refere Joaquim Pintassilgo, “é inequívoco o carácter cívico-pedagógico da festa da árvore”<sup>15</sup>: o culto da árvore, como prática simbólica, destinava-se à “socialização política dos cidadãos”<sup>16</sup>, pois pretendia-se formar cidadãos patriotas e republicanos, utilizando também a componente mais informal da educação cívica, com a utilização de símbolos do novo regime, aos quais se aderiria afectivamente; em suma, “numa palavra: a festa visava a endoutrinação”<sup>17</sup>. Este objectivo está claramente expresso num dos

---

<sup>13</sup> Fernando Catroga, *ob. cit.*, 1988, p. 608.

<sup>14</sup> Mircea Eliade, *O Sagrado e o Profano. A essência das religiões*, Lisboa: Edição «Livros do Brasil», 1975 (1959), p. 158.

<sup>15</sup> Joaquim Pintassilgo, *ob. cit.*, 1998, p. 183.

<sup>16</sup> *Ibidem*.

<sup>17</sup> *Ibidem*, p. 178.



primeiros números do jornal *Século Agrícola*, quando se refere às dádivas de livros que recebiam de várias proveniências “para que os enviemos às escolas a preparar a doutrinação a que a Festa da Arvore dará logar”<sup>18</sup>.

Se, por um lado, a festa tinha uma função política e ideológica visando a endoutrinação, por outro, constituía o lugar ideal para promover a unanimidade e a fraternidade. Mona Ozouf afirma que “La fête est aussi une école par l’image qu’elle renvoie au peuple de lui-même, la meilleure qui soit: modele à suivre, qui indique en même temps un écart à combler”<sup>19</sup>. Através da festa, os cidadãos eram impregnados do espírito republicano e, pelo entusiasmo colectivo que gerava, dava-se a reconciliação nacional necessária à manutenção da nova ordem social: “a festa encerra em si a promessa de um mundo novo e eterno, ela é a prefiguração da sociedade ideal”<sup>20</sup>.

Em Portugal, o culto da árvore teve início antes do fim da monarquia e foi apoiado pelo novo regime que se seguiu<sup>21</sup>. A República procurou conferir, ao culto da árvore, o significado de festa nacional, pelo que se comemorou, pela primeira vez, em todas as escolas do país, a 9 de Março de 1913, um domingo<sup>22</sup>.

---

<sup>18</sup> *O Século Agrícola*, Ano II, N.º 23, Lisboa, 4 de Janeiro de 1913.

<sup>19</sup> Mona Ozouf, *ob. cit.*, 1976, p. 240.

<sup>20</sup> Joaquim Pintassilgo, *ob. cit.*, 1998, p. 178.

<sup>21</sup> Em 26 de Maio de 1907, no Seixal, realizou-se a 1.ª Festa da Árvore, promovida pela Liga Nacional de Instrução; depois, em Lisboa, no dia 19 de Dezembro desse mesmo ano, na Avenida Alexandre Herculano, com a assistência da Câmara Municipal, dos Directores-Gerais de Instrução Pública e da Direcção da Liga Nacional de Instrução. Muitas outras se sucederiam, ao ponto de, já em 19 de Fevereiro de 1909, na parte introdutória do livro *1.º Congresso Pedagógico de Instrução Primária e Popular*, o presidente daquela Liga e deste Congresso escrever: “tem-se celebrado desde então em grande número de localidades e com tanto entusiasmo que se pode já considerar como uma festa escolar nacional, que de certo influirá notavelmente no futuro desenvolvimento da nossa arboricultura” (p. v).

<sup>22</sup> A festa nacional, tal como outras celebrações colectivas, é necessária para que uma sociedade possa manter, preservar ou até criar uma memória que a oriente

Para a preparação desta festa cívica, cuja iniciativa coube ao *Século Agrícola*, o Director-Geral da Instrução Primária remeteu uma circular, aos inspectores escolares, na qual recomendava que se fizessem conferências sobre a importância da cultura das árvores e sobre o respeito que elas devem merecer:

Essa circular é, pela sua forma, um belo documento literário, sugestivo, em cujos periodos se condensam inteligentemente todos os temas que, largamente desenvolvidos, darão aos srs. Professores assunto para bem eficazes palestras aos seus alunos e ao publico que acudirá ás salas das escolas a escutar a palavra dos conferentes.<sup>23</sup>

A esta iniciativa aderiram não só os inspectores escolares e os professores primários das escolas oficiais, mas também vereações municipais, juntas de paróquia, sociedades de beneficência e de instrução, bem como proprietários e arboricultores que ofereceram árvores para serem plantadas<sup>24</sup>.

Como, para a socialização política que se pretendia, era fundamental a repetição dos gestos, das palavras e do ritual da

---

em termos de ideais e valores. Os grandes cooperadores da Festa Nacional da Árvore de 1913 foram, segundo o *Século Agrícola* de 22 de Março de 1913, dezasseis indivíduos, de entre os quais salientamos os seguintes, por estarem directamente ligados com a instrução primária: Baptista de Avelar – inspector escolar do círculo oriental de Lisboa, João de Barros – Director Geral da Instrução Primária, Caldeira Rebolo – Director-Geral da Instrução Primária no período da organização da festa, e Lopes Pimentel – inspector escolar do círculo ocidental de Lisboa.

<sup>23</sup> *O Século Agrícola*, Ano I, N.º 22, Lisboa, 28 de Dezembro de 1912.

<sup>24</sup> Contudo, coube também ao Ministro do Fomento a concessão das árvores dos viveiros do Estado, necessárias para se efectuar aquela festa, que seriam transportadas, nos caminhos de ferro combinados com as conduções de malas dos correios, às várias freguesias do país que as requisitaram, sendo transitadas como serviço público; no entanto, o maior número de árvores foi obtido pelas próprias comissões que se organizaram nas localidades ou pelos professores das escolas onde a festa se realizou.

festa, aparecem publicados modelos de prelecções para serem utilizados nesse dia festivo. Esses livros funcionavam como um manual prático de onde se retirava a lição a debitar. O dia da festa atingia tal importância que os discursos proferidos em algumas escolas do país foram mesmo motivo de publicação. Aliás, é interessante verificar que, como diz Dominique Julia, “La fête comme le sermon laïcisé sont inséparables de la pédagogie révolutionnaire”<sup>25</sup>. Contudo, a eficácia dos discursos era posta em questão por um inspector escolar: “Mas é bom que se vá acentuando no espírito do educador que as festas das crianças são só para as crianças e não para um público palrador que as obriga a ouvir (?) a pé firme, um rosário interminável de palavras, de gritos e de gestos”<sup>26</sup>, para além de que,

Se é cruel esta mania jesuítica de apertar, comprimir o sangue ágil e vivo das crianças, num recipiente repleto de gente adulta, é absurdo, é deprimente, chega a ser feroz o retê-las, ali, horas seguidas, para unicamente despejarem sobre a sua cabeça frases que, pela sua transcendência e de nenhum interesse para elas, as inquietam e as aborrecem.<sup>27</sup>

Não seria, contudo, esta a única voz crítica; aliás, muitas das práticas da festa foram alvo de crítica por parte dos apologistas da escola activa, na medida em que obrigavam a criança à passividade na sua própria aprendizagem e, ainda por cima, numa situação dita lúdica<sup>28</sup>.

---

<sup>25</sup> Dominique Julia, *Les Trois Couleurs du Tableau Noir. La Révolution*, Paris: Éditions Belin, 1981, p. 46.

<sup>26</sup> Vidal Oudinot, Acção, Porto: Livraria Chardron, de Lelo & Irmão, Editores, 1915, p. 57. A interrogação entre parêntesis é do próprio autor.

<sup>27</sup> *Ibidem*, pp. 57-58.

<sup>28</sup> Sylvie Gonçalves Pereira, *A Parte Recreativa da Festa. (O papel e funções das festas escolares no 1.º ciclo do ensino básico do ponto de vista pedagógico, social, moral, religioso e político na formação integral do aluno e da comunidade no distrito de*

As festas escolares faziam parte de uma estratégia do poder republicano para reafirmar valores, educar e disciplinar o povo. Assim, tudo aponta para que as festas escolares fossem entendidas como uma prática necessária para a composição de uma identidade nacional no sentido de perseguir o ideal da nação civilizada, factor importante para consolidar a República.

## As Festas da Árvore no Barreiro



**Figura 1** – Cortejo do Dia da Árvore. Professora D. Arminda Bravo Rodrigues e alunos do Asilo D. Pedro V, 1910 (?)  
(Fonte: cedida por particular)

---

*Bragança do início do século XX até à década de sessenta*), Tese de Mestrado em Ciências da Educação, na área de especialização em História da Educação, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade de Lisboa, 2006.

No Barreiro, os primeiros registos relacionados com a Festa da Árvore encontram-se na acta das sessões da Câmara Municipal de 23 de Janeiro de 1908, relativo a um requerimento (que seria deferido), assinado por uma comissão de quinze indivíduos, de onde se destaca em primeiro lugar o nome do professor Ricardo Rosa y Alberty, com o seguinte teor:

Os abaixo assignados commissionedos para levarem a effeito a festa escolar conhecida vulgarmente por «festa da arvore», necessitando de local proprio para a plantação de algumas arvores veem por este meio pedir a V. Ex.<sup>a</sup> se digne dispensar-lhe para esse fim o Largo do Casal d'esta villa do Barreiro, bem como o pessoal da Camara para a abertura das necessarias covas, na occasião opportuna.”<sup>29</sup>

Não conseguimos verificar em que data se realizou a festa no ano de 1908, mas sabemos que se voltaria a realizar em anos posteriores.

Na figura 2 apresenta-se uma fotografia, tirada na escadaria do Teatro Independente, que retrata um grupo de alunos

---

<sup>29</sup> Arquivo Municipal do Barreiro, *Livro de actas das sessões da Câmara Municipal do Barreiro 1907/1908*, 23 de Janeiro de 1908. A referida comissão era composta pelos seguintes elementos, todos republicanos (alguns destes elementos viriam a ser membros da Câmara Municipal – colocamos entre parêntesis a profissão daqueles que pudemos identificar): Ricardo Rosa y Alberty (professor primário), Francisco Rodrigues, Francisco Braz Melício, José Dupont de Sousa (proprietário do Teatro Independente), José António Rodrigues (o mais antigo e destacado republicano do Barreiro), José Maria da Costa Mano Júnior (comerciante, agente bancário e de seguros), Manuel António de Faria, Júlio Vellez Carogo (médico municipal), José Luís da Costa (farmacêutico, fiscal de vinhos e azeite), Joaquim Lobato Quintino (proprietário de barcos de pesca), Joaquim Ferreira Alves, José Tavares Vellozo (proprietário de uma papelaria), Wenceslau Duarte de Oliveira, Eduardo Mendes Bello e Francisco Rosa y Alberty. O professor Ricardo Rosa y Alberty pertenceria, no ano de 1913, à *Comissão Executiva da Liga dos Melhoramentos da Amadora*, cujos retratos dos seus membros aparecem na capa do jornal *O Século Agrícola* de 18 de Janeiro desse ano, como “cooperadores da Festa da Arvore”; já em anos anteriores, essa *Liga* havia realizado aquela Festa na referida localidade.

das escolas primárias do Barreiro, acompanhado do seu professor, Ricardo Rosa y Alberty, no dia da Festa da Árvore, tendo cada aluno, nas mãos, um livro oferecido pela comissão promotora da festa.



**Figura 2** – Festa da Árvore, 24 de Janeiro de 1909  
(Fonte: Um Olhar Sobre o Barreiro, II Série, N.º 4, Abril de 1991)

Depois da implantação da República, encontramos o primeiro registo, relativo a esta festa escolar, no livro de actas da Junta de Paróquia de uma das freguesias do concelho do Barreiro, com data de 16 de Novembro de 1911, inserido na seguinte frase: “ Tratar da Iluminação e limpeza e fazer a festa da arvore no dia primeiro de Dezembro”<sup>30</sup>. Contudo, apenas no final de Dezembro de 1912 é que surgem registos mais detalhados, quando a Direcção de *O Século Agrícola* enviou uma carta solicitando ‘o concurso d’esta Camara para o conseguimento n’este concelho, da festa denominada “Festa da Arvore” promovida por aquele jornal’,

<sup>30</sup> Junta de Freguesia do Lavradio, *Livro de Actas n.º 1 – Outubro de 1910 a Outubro de 1926*, 16 de Novembro de 1911.

pedido que seria atendido, pois, em reunião camarária ficou deliberado que “se dê o apoio que tal festa merece (...), ficando o sr. Presidente encarregado de ouvir os professores do concelho”<sup>31</sup>. A comunicação de adesão da vereação a esta iniciativa foi dirigida ao director de *O Século Agrícola* e publicada no mesmo jornal, nos seguintes termos:

De bom grado se associa este município à obra altamente significativa da *Festa da Arvore*, cuja ideia tão bem posta em execução vai ser pelo jornal sobre a direção de v. Os professores d'este concelho, com quem me vou entender sobre o caso, darão a essa festa todo o seu concurso, dada a sua dedicação pelo serviço de instrução das crianças.

Aguardarei as informações sobre o dia em que essa festa se realizará. – Saúde e fraternidade. – Barreiro, 4 de Janeiro de 1913. – O presidente da comissão administrativa.<sup>32</sup>

A festa viria, de facto, a realizar-se. Várias providências seriam, entretanto, tomadas:

Atendendo a que convem organizar o programa da festa da Arvore, que por iniciativa do “Século Agrícola” brevemente deve ter lugar foi deliberado que sejam convidados os srs. Professores das escolas officias e particulares do concelho, a reunir no proximo domingo, por trese horas, no edificio dos Paços do Concelho.<sup>33</sup>

Na sua organização, os professores primários ocupam lugar de destaque, pois são eles que a preparam e quem profere a maioria dos discursos<sup>34</sup>. O protagonismo da realização da festa da

---

<sup>31</sup> Arquivo Municipal do Barreiro, *Livro de actas das sessões da Câmara Municipal do concelho do Barreiro 1913*, 2 de Janeiro de 1913.

<sup>32</sup> *O Século Agrícola*, Ano II, N.º 33, Lisboa, 15 de Março de 1913.

<sup>33</sup> Arquivo Municipal do Barreiro, *Livro de actas das sessões da Câmara Municipal do concelho do Barreiro 1913*, 13 de Fevereiro de 1913.

<sup>34</sup> Joaquim Pintassilgo, *ob. cit.*, 1998.

árvore cabia ao professor primário, em quem a República depositava a esperança de ser «guia da consciência dos povos», e de quem se esperava que combatesse a influência da Igreja nas mais recônditas terras do país. “Ninguém como o professor primário para realizar esta bemdita cruzada”, lê-se no Jornal *O Século Agrícola* de 7 de Dezembro de 1912, porque é ele “que dia a dia ilumina os pequeninos cerebros das creanças, ele lhes inculcará o amor pela árvore”<sup>35</sup>.

No ano seguinte, em Janeiro de 1914, um ofício do correspondente d'*O Século Agrícola* pedia, em nome da redacção do referido jornal, para a Câmara se manifestar sobre a realização da “festa cívica, chamada Festa Nacional das Árvores” que deveria ter lugar no mês de Março daquele ano, ao que a Câmara deliberou, por unanimidade, “aguardar-se que a iniciativa da mesma festa parta de alguma Comissão ou colectividade, prestando a Comissão Executiva Municipal o auxílio de que poder dispor, em harmonia com os recursos deste município e dentro das economias possíveis”<sup>36</sup>. Em Fevereiro de 1914, é recebida, novamente, na

---

<sup>35</sup> Segundo *O Século Agrícola* de 14 de Dezembro de 1912, a árvore escolhida a nível nacional para ser plantada no dia da festa seria a Amoreira Branca, pois era uma árvore de fácil cultivo de norte a sul do país, e contribuía também para se poder incrementar a cultura da seda (dado constituir a base da alimentação da lagarta produtora desse fio natural), com explícita alusão à iniciativa do Marquês de Pombal que, no século XVIII, havia mandado plantar essa espécie de árvores como incremento para a sericultura. Contudo, esta escolha geraria discordância em muitos pontos do país, pois nesses locais a população estaria mais afeiçoada a outras espécies locais, mas, como o intuito era “apenas fazer da *Festa da Arvore* uma celebração bem da feição do povo entre o qual se realiza, bem da simpatia das creanças em cuja inteligência, em cujo coração queremos que a sua significação e a sua recordação bem se enraízem, não só não nos opomos mas antes aplaudimos que, onde houver motivos essenciaes para a preferencia de outras arvores ás amoreiras que propozemos, esse motivo de preferêcia seja atendido” (*O Século Agrícola*, Ano I, N.º 21, Lisboa, 21 de Dezembro de 1912).

<sup>36</sup> Arquivo Municipal do Barreiro, *Livro de actas das sessões deliberativas da Câmara Municipal – 2 de Janeiro de 1914 a 20 de Abril de 1915*, 28 de Janeiro de 1914.



Comissão Executiva uma carta de *O Século Agrícola*, pedindo a coadjuvação da Câmara na realização da “Festa Nacional da Árvore”. Seria disponibilizado auxílio no montante de dez a doze escudos, e caberia ao presidente e ao vice-presidente falarem com os professores oficiais e particulares para em conjunto darem “melhor brilho à festa”<sup>37</sup>. Contudo, só em Março se “auctorizou as despesas a fazer com a Festa da Arvore, n’esta Villa”<sup>38</sup>.

A festa da árvore não se restringia apenas a alunos e professores: ela oferecia-se como um “espectáculo cívico no espaço público”<sup>39</sup>. O cortejo cívico, na sua essência, é semelhante à procissão em dias de festa religiosa, pelo facto de colocar em evidência a mentalidade das populações, que encontram nesse evento uma função tranquilizadora e protectora. No cortejo incorporavam-se também, normalmente, as autoridades locais como sinal de apoio oficial à iniciativa, as diversas associações da localidade, bem como as bandas filarmónicas. Por exemplo, no ano de 1915, a Comissão Executiva ficou incumbida da iniciativa da sua realização (dado estarem a seu cargo as despesas com tal acontecimento), pelo que foi junto dela que a *Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários do Barreiro – Pessoal dos Caminhos-de-Ferro* se dirigiu, “perguntando se pode contar com uma parrelha de muares para conduzir o carro que tenciona apresentar no Cortejo da Festa Nacional da Árvore, afim de proceder á ornamentação do dito carro”, pedido que seria satisfeito<sup>40</sup>. O cortejo da Festa da Árvore, desse ano, contou

---

<sup>37</sup> Arquivo Municipal do Barreiro, *Livro de actas das sessões da Comissão Executiva da Câmara Municipal – 2 de Janeiro de 1914 a 25 de Novembro de 1915*, 19 de Fevereiro de 1914.

<sup>38</sup> *Ibidem*, 12 de Março de 1914.

<sup>39</sup> Joaquim Pintassilgo, *ob. cit.*, 1998, p. 191.

<sup>40</sup> Arquivo Municipal do Barreiro, *Livro de actas das sessões da Comissão Executiva da Câmara Municipal – 2 de Janeiro de 1914 a 25 de Novembro de 1915*, 24 de Fevereiro de 1915.

também com a presença da banda filarmónica d'Os *Penicheiros*, que tinha sido pedida pela Câmara Municipal e pela Junta de Paróquia, que igualmente se associaram ao evento. A festa que estava agendada para ter lugar no dia 28 de Fevereiro acabou por ter de ser transferida para o dia 7 de Março, devido aos temporais que se haviam registado, como comunicava um cartão do «Século Agrícola» dirigido à Comissão Executiva<sup>41</sup>.

Nos dois anos seguintes, a Festa Nacional da Árvore voltaria a realizar-se na vila do Barreiro. Depois do ano de 1917, não houve regularidade na realização daquela festa. Durante alguns anos sabemos mesmo que ela deixou de se efectuar, pois, num artigo da 1.<sup>a</sup> página subordinado ao tema da árvore, de um jornal local, questionava-se o autor: “Porque não se pensa fazer reviver a festa da Árvore no nosso concelho?”<sup>42</sup>.

De facto, encontrámos publicado pelo Ministério da Instrução Pública, em Março de 1923, a promulgação da obrigatoriedade da realização da festa da árvore naquele ano:

Considerando que o culto da árvore – símbolo de amor à natureza – tem um alto valor educativo, porque concorre para uma mais perfeita e íntima integração do homem com a terra que constitui base geográfica da sua Pátria;

Atendendo a que, portanto, muito convém estimular, desenvolver e dar carácter cívico e sentimental a êsse culto:

Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro da Instrução Pública, que em todas as escolas de ensino primário normal, de ensino primário superior e de ensino primário geral, dependentes dêste Ministério, se escolha um dia do próximo mês de Abril destinado a celebrar a festa da árvore, que deverá ser realizada com a

---

<sup>41</sup> Arquivo Municipal do Barreiro, *Livro de actas das sessões da Comissão Executiva da Câmara Municipal – 2 de Janeiro de 1914 a 25 de Novembro de 1915*, 24 de Fevereiro de 1915.

<sup>42</sup> *Acção*, Ano III, N.º 48, Barreiro, 15 de Abril de 1923.

cooperação de todos os professores e alunos e acompanhada de preleções de feição patriótica e educativa.<sup>43</sup>

Seria, então, nesse ano de 1923 que, após um possível cancelamento da sua realização, se retomariam tais festas no Barreiro, mais concretamente no dia 27 de Abril, com a plantação de uma amoreira no recreio das escolas oficiais da vila, ou seja, na escola Conde de Ferreira (masculina e feminina). A estes festejos assistiram cerca de 400 crianças, acompanhadas dos seus professores: Maria Emília de Oliveira Cruz e França, Virgínia Amália Caldeira do Crato, Adriana Antónia Tavares, Luísa da Nazaré Madeira, Joaquim Vicente França e Silvestre Martins Corvo. O orfeão escolar cantou o «hino da árvore», «a sementeira», a «marcha escolar», a «vivandeira» e o hino nacional «a Portuguesa». Foram recitadas poesias por algumas crianças. Coube ao director da escola masculina, Joaquim Vicente França, falar sobre o significado da árvore, tendo começado por salientar que, durante aquele mês de Abril, se realizavam festas semelhantes em todas as escolas oficiais do território português. O seu discurso era semelhante a tantos outros que se proferiam nesse dia: reconhecimento da riqueza da árvore como matéria-prima, como elemento embelezador da natureza e purificador do ar, entre tantas outras funções que acompanham o homem desde o nascimento até à morte (entenda-se, berço e caixão), mas, acima de tudo, apelava-se ao amor às árvores, porque amando-as, ama-se a Pátria. O professor-director dirigia-se aos alunos nos seguintes termos:

E a vós, crianças, pequeninos de hoje, que sereis as mulheres e os homens de amanhã, quero ensinar aproveitando este dia de tão solene consagração, a respeitar, a venerar as árvores que encontrardes no vosso caminho, os grandes e sinceros amigos do homem que

---

<sup>43</sup> Ministério da Instrução Pública, Secretaria-Geral, em 17 de Março de 1923, *Diário do Governo*, II Série, N.º 66, de 21 de Março de 1923.

vos acompanham até ao vosso berço final. Fazei isso, meus meninos, e assim concorrereis para a grandeza desta nossa Pátria que é linda como nenhuma terra do mundo, que é formosa como não há outra, e sereis bons cidadãos, proveitosos á sociedade e á Pátria que se honrará por ter tão dignos filhos.<sup>44</sup>

Após a prelecção, foram servidos bolos, a todas as crianças, oferecidos por uma comissão constituída por alunos e professores.

Qualquer festa, mesmo quando puramente laica nas suas origens, apresenta características de cerimónia religiosa, pois em todos os casos ela tende a aproximar os indivíduos, colocando os grupos em movimento, e suscitando assim um estado de excitação que não é desprovido de parentesco com o elemento religioso. Tanto num caso como no outro, podem-se observar manifestações semelhantes, como, por exemplo, os cânticos, as danças e a música. Ora, as condutas rituais exprimem e libertam a inquietude humana diante do corpo e do mundo:

De nombreuses pratiques constituent un moyen de maîtriser symboliquement l'espace et le temps afin de réduire leurs contraintes ou leur fluidité. C'est le cas notamment lorsqu'il s'agit de sacrifier un lieu privilégié par de marques et une gestuelle symboliques (cas de tous les rites comportant une délimitation de l'espace) – où lorsqu'il s'agit de consacrer les périodes ou les étapes de la nature (rites saisonniers) ou du temps de la vie (rites de passage).<sup>45</sup>

Os ritos ocorrem num espaço determinado e num tempo específico, com gestos, fórmulas e objectos próprios. Eles têm um papel importante na manutenção e no reforço de laços sociais, e ao

---

<sup>44</sup> *Acção*, Ano III, N.º 50, Barreiro, 15 de Maio de 1923, p. 2.

<sup>45</sup> Jean Maisonneuve, *Les Rituels*, Paris: Presses Universitaires de France, 1988, p. 13-14.

mesmo tempo na confirmação das diferenças de estatuto compensadas pela articulação de funções. O rito constitui uma reafirmação periódica de um acontecimento e tem uma função aglutinadora, criadora de uma certa coerência entre os membros de uma cultura. Maffesoli refere mesmo que

o rito é essencialmente tribal, constitui o próprio fundamento da memória colectiva, serve de cimento para as representações comuns e lembra, em data fixa, a sua eficácia renovada. A vida quotidiana encarrega-se do resto que, através dos hábitos, dos costumes, dos gestos, do conhecimento incorporado e, como é evidente, da educação institucionalizada, instila em pequenas doses tudo o que é útil para a coesão social.<sup>46</sup>

Segundo Joaquim Pintassilgo, a aproximação entre o culto da pátria e a festa da árvore residia no facto de o patriotismo se ter apresentado como a ideologia capaz de gerar o consenso necessário à consolidação da República, desempenhando a mesma função integradora que o catolicismo havia tido no tempo da monarquia:

Assim como a pátria é (...) muito mais do que o espaço físico em que se estabelece um dado grupo humano, sendo, fundamentalmente, constituída pelos laços afectivos que unem entre si os membros de uma população, que os ligam ao passado e os projectam no futuro, assim também a árvore simboliza principalmente essa cadeia sentimental que vem a ser o garante da permanência de uma pátria.<sup>47</sup>

Na época, a temática da árvore revestia notória importância, ao ponto de ser publicado, na primeira página de um

---

<sup>46</sup> Michel Maffesoli, *A Transfiguração do Político. A tribalização do mundo pós-moderno*, Lisboa: Instituto Piaget, 2004 (2002), p. 152.

<sup>47</sup> Joaquim Pintassilgo, *ob. cit.*, 1998, p. 184.

jornal local, um pequeno artigo alertando para o facto de “em toda a parte do Mundo se ensina a creança a estimar a Arvore”, enquanto no Barreiro, para os garotos, por culpa da falta de escolas, a árvore era tida como um objecto a ser destruído, “á paulada e á pedrada”, pelo que se prescrevia, não uma lição acerca das árvores a ser dada no acto da infracção, mas “um puxão de orelhas, ou um açoite bem puxado”, pois, “um açoite numa creança, em certos momentos, vale por cinquenta lições de rectorica”<sup>48</sup>.

O mote da árvore (sua utilidade e carinho que deve merecer) volta a ser notícia no mesmo jornal, uns meses depois, por um outro articulista<sup>49</sup>. Desta vez, tratava-se de um artigo extenso, em que se criticava a pouca importância que no nosso país era atribuída ao tema, ao contrário do que se passava em outros países (em particular nos Estados Unidos, em que assumia as características de festa nacional). Realçava o facto de, apesar das diversas festas da árvore realizadas em anos anteriores, a propaganda das mesmas não ter conseguido criar um verdadeiro culto da árvore. Tais festas limitavam-se, dizia, a dar uns rudimentares conhecimentos às crianças em idade escolar, mas que facilmente eram esquecidos no dia a seguir.

À imagem da elevada ideia que o padre faz da sua missão, e que lhe confere autoridade porque fala em nome de um Deus em que acredita, também o professor está imbuído deste sentimento de que ele é a voz da sociedade, dessa grande entidade moral que o ultrapassa: “Da mesma forma que o padre é o intérprete do seu Deus, ele é o intérprete das grandes ideias morais do seu tempo e do seu país”<sup>50</sup>. A sua autoridade advém-lhe do respeito que tem pelas suas funções, respeito esse que passa da sua

---

<sup>48</sup> *Éco do Barreiro*, Ano III, N.º 60, Barreiro, 15 de Abril de 1926.

<sup>49</sup> *Idem*, Ano III, N.º 65, Barreiro, 15 de Junho de 1926.

<sup>50</sup> *Émile Durkheim*, *Educação e Sociologia*, Lisboa: *Edições 70*, 2001 (*artigos originais da primeira década do século XX*), p. 69.

consciência para a consciência da criança, através das palavras e dos gestos.

**HINO DAS ÁRVORES**

Musica de ABOIM FORTES Versos de OLAVO BILAC

CANTO. *Voz*

PIANO. *ff*

Quem planta uma arvo.re en.ri... que.ce a ter.ra

mãe pie.do.sa e bô..a É a ter.ra aos ho.mens a gra.de..... ce a mãe aos fi.lhos a ben..

*Côro*

çõa. Quem planta uma ar...vo.re en.ri... que.ce a ter.ra mãe pi.e...do .sa e

bôa a ter.ra aos ho.mens a..gra.de..ce a mãe aos fi.lhos a..ben çõa.

*ff*

Quem planta uma árvore antigamente  
é forte, não medeusa e não  
é a terra nos humos agitados,  
e não nos filhos aborregos.

A árvore, alguma é cãca choca  
de sobre terra e de espinhos,  
cãca cai de verde ou do  
e rãe e a fruta, e sãpãe e a sãncãe.

Cãncãe, cãncãe, na grãde fãrãda  
de sãe, de sãrãe e de bãndãda,  
arvores—quãda de fãrãda!  
arvores—vãda de cãdãde!

Cãncãe, cãncãe sãncãe e cãncãe,  
cãncãe ho.mãe, ho.mãe,  
quãda sãncãe nos passãrãdo,  
quãda sãncãe nos sãncãe!

Quãdo vãrãdo de vãrãdo pãrãdo?  
De sãe sãe fãrãdo e sãncãe,  
ho.mãe sãncãe sãncãe sãncãe!  
quãdo sãncãe sãncãe sãncãe!

Pãrãe e ho.mãe sãncãe sãncãe:  
pãrãe, ho.mãe, sãncãe sãncãe  
ho.mãe de sãncãe sãncãe sãncãe,  
e sãncãe de sãncãe sãncãe!

Figura 3 – Hino da Árvore

(Fonte: O Século Agrícola, Ano II, N.º 26, Lisboa, 25 de Janeiro de 1913)

## Considerações Finais

As festas têm um carácter simbólico: festeja-se sempre alguma coisa, mesmo que o objecto seja aparentemente

irrelevante, pois, “qualquer objecto do mundo pode passar de uma existência fechada, muda, a um estado oral, aberto à apropriação da sociedade, dado que nenhuma lei, natural ou não, proíbe de falar das coisas”<sup>51</sup>. A função do símbolo não é somente significar o objecto, o acontecimento, mas em celebrá-lo, em utilizar todos os meios de expressão para fazer emergir o valor que se atribui ao objecto: “Amar a árvore é amar a nossa Terra e o amor à Terra tem muito de amor à Pátria”<sup>52</sup>; “Ensinar às crianças o amor pela árvore corresponde a fazê-las boas, dedicadas à terra em que nasceram”<sup>53</sup>; “Amemos a Pátria e a República e dum Portugal recaído e idoso surgirá um Portugal novo e poderoso”<sup>54</sup>.

A laicização da vida social portuguesa empreendida pela República incluía, como vimos, as práticas simbólicas que pretendiam tornar-se uma alternativa às manifestações exteriores do culto católico, mas que, no fundo, acabavam também por estar impregnadas de religiosidade cívica. O culto da árvore acaba por preencher o vazio deixado pela ausência da religião na escola. Apenas se substituem as peças e as palavras do jogo, mas a essência mantém-se: a exemplo das procissões católicas, a festa da árvore organizava-se em cortejo cívico, que percorria a localidade em direcção ao local da plantação das árvores, tomando o professor o lugar do padre.

Az festas escolares, uma vez que constituem um tempo de actividade colectiva, ou seja um tempo a aprender, não contrapõem o tempo livre ao tempo do trabalho, contrariamente ao que acontece nas festas do calendário social. Nos primeiros tempos da República, a festa da árvore foi importante para a consolidação dos ideais republicanos e para dar visibilidade à escola

---

<sup>51</sup> Roland Barthes, *ob. cit.*, 1997 (1957), p. 181.

<sup>52</sup> António Walgôde, Eusébio de Queirós, *ob. cit.*, 1916, p. 12.

<sup>53</sup> *Ibidem*, p. 16.

<sup>54</sup> *Ibidem*, p. 18.



pública, sendo notórias as tentativas de forjar a memória colectiva, construir uma nova identidade e transmitir valores, isto é, um adestramento cultural na tradição e nos rituais. E, além disso, a Festa da Árvore encerrava em si uma dimensão ecológica da escola, na medida em que, como refere Roger Caillois,

É perfeitamente manifesto até que ponto o organismo vivo forma um corpo com o meio em que vive. Quer nele, quer à sua volta verifica-se a presença das mesmas estruturas e a acção das mesmas leis. Ainda que, na verdade, ele não esteja num «meio», ele é ainda esse «meio», e a própria energia que o separa, a vontade do ser de perseverar no seu ser, consuma-se exaltando-se e lança-o já secretamente na uniformidade que escandaliza a sua imperfeita autonomia.<sup>55</sup>

**Maria Manuela P. F. Rodrigues** é Doutora em Ciências da Educação pela Universidade Nova de Lisboa. Membro do Centro de Investigação em Educação da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Contato: [mmpfrodrigues@hotmail.com](mailto:mmpfrodrigues@hotmail.com)

Recebido em: 15/02/2010

Aceito em: 10/06/2010

---

<sup>55</sup> Roger Caillois, *O Mito e o Homem*, Lisboa: Edições 70, 1980 (1938), p. 89.